

Carne Suína

Kamilla Ribas Soares

Zootecnista. Doutora em Zootecnia
kamillars@bnb.gov.br

Luciano Feijão Ximenes

Zootecnista. Doutor em Zootecnia
lucianoximenes@bnb.gov.br

Resumo: No cenário nacional, a lenta recuperação econômica com juros/inflação elevados e os efeitos geopolíticos externos, como o conflito Rússia vs Ucrânia, impactam na rentabilidade dos sistemas de produção de suínos. Não obstante, a guerra no Oriente Médio, pode influenciar os preços da energia, e assim, ter efeito cascata nos preços em geral. Apesar da maior disponibilidade de milho e soja deste ano com redução nos custos de produção, a atividade é altamente dependente de grãos. Ainda assim, o Nordeste foi destaque pelo volume de carne suína exportada. Um aumento significativo em relação ao mesmo período de 2022, altas de 34,05% (US\$) e de 26,44% (Kg). A Região faturou no acumulado de janeiro a agosto de 2023, cerca de US\$ 613,87 mil com exportações de 117,61 mil t de carne suína. Todavia, ainda há grande pressão sobre o poder de compra de grande parcela da população, priorizando proteínas mais baratas, como ovo de galinha, salsicha e fígado. Entre julho e agosto, devido a maior oferta percebeu-se ligeiro aumento no consumo de carne de frango e carne suína, enquanto o consumo de carne bovina seguiu limitado. No 2T2023, houve a redução de -2,82% (de 151,22 para 146,96 milhões de cabeças) no abate regional de suínos. Uma vez que, de maneira geral, a estratégia de reduzir o abate de animais para ajuste da oferta/demanda atrelada a redução nos custos de produção tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno.

Palavras-chave: Suínos; Produção; Carne; Guerra; Nordeste.

1 Overview do Mercado Global

O fraco crescimento econômico, os impactos do conflito Rússia vs Ucrânia, os processos inflacionários e alta de juros nos Estados Unidos e na União Europeia, além do desaquecimento da economia chinesa afeta a demanda global de carne suína. Entre as principais questões globais para 2023, está

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biagio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Mariana Carvalho e Lima e Pedro Barreira Bentemuller (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

o risco de limitação no comércio global, devido principalmente à baixa produção obtida em 2022, nas principais regiões exportadoras, como a UE e EUA, e que podem dificultar o crescimento da atividade em 2023. Os impactos do conflito no Leste Europeu ainda são visíveis, mas sua intensidade tem sido menor. Recentemente, com a suspensão do acordo de exportação de grãos pelo Mar Negro, o comércio de grãos se voltou ao hemisfério sul, que tem suprido as demandas que estavam sendo atendidas pela região (Ipea, agosto 2023)¹. A disponibilidade global de rações também permanece restrita, já que as quebras de colheita da Argentina desequilibraram parcialmente a safra recorde do Brasil em 2023, deixando os estoques globais de rações em níveis historicamente baixos.

Entretanto, considerando países com a economia em desaceleração, a carne suína permanece bem-posicionada, já que a demanda pela proteína é historicamente menos sensível ao fator renda que proteínas mais caras, como carne bovina. Mesmo que os sinais de que o pior impacto inflacionário já tenha passado, os vestígios dessa alta inflação deverá ser refletidos sob o consumo ao longo de 2023, pois os preços de varejo permanecem altos, limitando o consumo global das carnes. Esta valoração dos preços no varejo em muitos países pode ser atribuída não apenas à mudança na oferta, mas também aos custos mais altos de mão de obra e energia em toda a cadeia de suprimentos, que provavelmente persistirão. O gerenciamento da inflação continuará sendo importante, com ajustes nas taxas de juros que inspire confiança nos mercados, seja para investidores, empresas ou para o próprio mercado consumidor. No caso do Brasil, os altos juros limitam o acesso ao crédito dos produtores, dirimindo os investimentos e o consumo ainda está sob forte pressão. De acordo com dados do ComexStat (MDIC, 2023)², na comparação do acumulado entre janeiro e agosto deste ano com o mesmo período do ano anterior, as exportações foram favoráveis +19,53% (US\$) e +11,71% (kg), demonstrando a janela de oportunidades com o setor bem-posicionado. Aumento das exportações para os principais clientes como a China, Filipinas e Hong Kong além da abertura de mercado com o México.

As exportações globais de carne suína em 2023 foram estimadas em 10,75 milhões de toneladas, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2023a)³. A previsão da demanda em importações globais de carne suína deve chegar em 2023 a 9,80 milhões de toneladas, valores semelhantes aos de 2022 (9,89 milhões de toneladas). A produção global de carne suína para 2023 está prevista em 114,76 milhões de toneladas e espera-se que as importações de carne suína pela China, superem os níveis de 2022, com a demanda mais forte do consumidor. Desde 2020, as importações de carne suína pela China vêm atingindo níveis historicamente altos, devido a retração na produção causada pela Peste Suína Africana (PSA). Em 2022, houve resposta positiva na produção da China com a recuperação dos rebanhos, de forma que as importações caíram 50,8%, em torno de 2,13 milhões de toneladas. Todavia, a China, apesar de ser a maior produtora e consumidora mundial de carne suína, tem previsões de produção para 2023 ainda abaixo da demanda de consumo e, por isso, continuará pressionando os países americanos produtores, como os EUA e o Brasil, livres da ocorrência de PSA (**Tabela 1**). A expectativa é que a saúde e a produtividade do rebanho mundial melhorem atreladas aos investimentos em biossegurança, genética e saúde do rebanho estão surtindo efeito em produtividade em algumas regiões.

1 IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Carta de Conjuntura, Brasília, DF – 3º trimestre de 2023, n.60 -, p. 1-20, agosto 2023.

2 COMEXSTAT. Exportação e Importação Geral. Brasília: Ministério da Economia. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: agosto de 2023.

3 USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. PDS ONLINE: LIVESTOCK AND POULTRY. 10 DE SETEMBRO DE 2023. 2023a. DISPONÍVEL EM [HTTPS://APPS.FAS.USDA.GOV/PSDONLINE/APP/INDEX.HTML#/APP/DOWNLOADS](https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads). ACESSO EM: SETEMBRO 2023.

Tabela 1 – Desempenho global e dos principais players do segmento de carne suína (milhões de toneladas)

| Indicador/Unidade geográfica | 2021 | 2022 | 2023 | Indicador/Unidade geográfica | 2021 | 2022 | 2023 |
|------------------------------|----------------|----------------|----------------|------------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Produção | 107,935 | 114,393 | 114,759 | Exportação | 12,217 | 10,950 | 10,751 |
| China | 47,500 | 55,410 | 56,000 | União Europeia | 4,993 | 4,172 | 3,700 |
| União Europeia | 23,615 | 22,275 | 21,650 | Estados Unidos | 3,186 | 2,878 | 3,136 |
| Estados Unidos | 12,560 | 12,252 | 12,422 | Brasil | 1,321 | 1,319 | 1,500 |
| Brasil | 4,365 | 4,350 | 4,465 | Canadá | 1,483 | 1,413 | 1,300 |
| Rússia | 3,700 | 3,825 | 3,940 | México | 0,319 | 0,285 | 0,260 |
| Vietnam | 2,926 | 3,102 | 3,288 | Chile | 0,268 | 0,230 | 0,240 |
| Canadá | 2,101 | 2,090 | 2,030 | Rússia | 0,158 | 0,190 | 0,200 |
| México | 1,484 | 1,530 | 1,560 | Reino Unido | 0,256 | 0,261 | 0,200 |
| Coreia do Sul | 1,407 | 1,419 | 1,380 | China | 0,104 | 0,101 | 0,110 |
| Japão | 1,318 | 1,293 | 1,295 | Austrália | 0,038 | 0,035 | 0,035 |
| Selecionados | 100,976 | 107,546 | 108,030 | Selecionados | 12,126 | 10,884 | 10,681 |
| Outros | 6,959 | 6,847 | 6,729 | Outros | 0,091 | 0,066 | 0,070 |
| Consumo | 107,374 | 113,221 | 113,835 | Importação | 11,613 | 9,894 | 9,808 |
| China | 51,724 | 57,434 | 58,190 | China | 4,328 | 2,125 | 2,300 |
| União Europeia | 18,720 | 18,224 | 18,050 | Japão | 1,420 | 1,523 | 1,470 |
| Estados Unidos | 9,919 | 9,957 | 9,771 | México | 1,155 | 1,299 | 1,310 |
| Rússia | 3,558 | 3,655 | 3,750 | Coreia do Sul | 0,570 | 0,713 | 0,715 |
| Vietnam | 3,217 | 3,304 | 3,449 | Reino Unido | 0,727 | 0,778 | 0,700 |
| Brasil | 3,047 | 3,033 | 2,967 | Filipinas | 0,462 | 0,560 | 0,500 |
| Japão | 2,760 | 2,765 | 2,780 | Estados Unidos | 0,535 | 0,610 | 0,487 |
| México | 2,320 | 2,544 | 2,610 | Hong Kong | 0,364 | 0,251 | 0,300 |
| Coreia do Sul | 1,997 | 2,072 | 2,088 | Canadá | 0,263 | 0,234 | 0,255 |
| Filipinas | 1,461 | 1,484 | 1,449 | Austrália | 0,210 | 0,241 | 0,250 |
| Selecionados | 98,723 | 104,472 | 105,104 | Selecionados | 10,034 | 8,334 | 8,287 |
| Outros | 8,651 | 8,749 | 8,731 | Outros | 1,579 | 1,560 | 1,521 |

Fonte: USDA (2023). Adaptado pelos autores.

Na análise global para este ano, a oferta mais restrita nos países exportadores (EUA, Canadá e UE) provavelmente limitará o comércio global de carne suína. Nos EUA, o crescimento da produção de suínos diminuiu à medida que o consumo cai, porém a exportação, tanto nos EUA como no Canadá, permanece competitiva nos principais mercados. Na Europa, a oferta de suínos manteve-se baixa no 2T2023, de maneira que as margens do produtor se recuperam com os preços historicamente altos. Esta redução da oferta ajudará a equilibrar a indústria, mas os altos custos de produção e o suporte limitado ao consumidor exigirão a abordagem mais conservadora da produção para preservar o capital. No Japão, o consumo de carne suína deverá se manter estável. A capacidade de armazenamento, devido aos altos estoques acumulados em 2022, não permitirá aumento de importação (USDA, 2023b)⁴.

2 Conjuntura Nacional e Regional

A suinocultura brasileira ainda atravessa grandes desafios, pois os efeitos pós-pandemia, impactos ocasionados pela guerra Rússia x Ucrânia e a expectativa do fenômeno El Nino e seus impactos na agropecuária determinam um ambiente propício à volatilidade dos mercados. O Brasil, pela sua tradição na suinocultura industrial, deve permanecer com uma fatia de mercado, considerando que toda a produção de carne suína do Brasil (4,46 milhões de toneladas), representa pouco menos de 10% do consumo total da China (58,19 milhões de toneladas), principal destino das exportações da carne suína brasileira. Fato é que os países estão realinhando suas economias para ampliar os mercados (**Tabela 1**).

⁴ USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Livestock and Products Annual. Brasil. Setembro, 2023b, Foreign Agricultural Service.

2.1 Exportações

As exportações brasileiras de carne suína totalizaram no acumulado de janeiro a agosto de 2023 (791,54 mil toneladas e US\$ 1,89 bilhão), embarques superiores aos registrados no mesmo período de 2022 (708,56 mil toneladas e US\$ 1,58 bilhão), variações de +19,53% (US\$) e 11,71% (volume). Vale mencionar que as exportações encerraram 2022 com 1,09 milhão de toneladas e desde 2021, os resultados vêm se superando ano a ano, considerando a série histórica desde 1997. Destaca-se que as questões precitadas (geopolíticas, econômicas e sanitárias) de produtores, como a UE e a Ásia, têm pressionado a demanda do Brasil.

A China continua sendo o maior importador da carne suína brasileira e novas fábricas ainda aguardam aprovação para ampliar as exportações. De janeiro para agosto, China e Hong Kong aumentaram as compras em +4,54% (mil toneladas) e +17,71% (mil toneladas), respectivamente, enquanto as Filipinas cresceram em +21,32% (mil toneladas) as aquisições no período, com envios de 74,72 mil toneladas. Além disso, as perspectivas para as exportações de carne suína são otimistas: para este ano, a China deve pressionar as importações do Brasil. Canadá e México autorizaram novas plantas brasileiras de exportação. A partir de agora, o Brasil poderá exportar para o México o produto *in natura*, sem necessidade de passar por processamento térmico antes de ser vendido aos consumidores. A comercialização passa a ser para a carne suína crua, inteira ou em pedaços, incluindo CMS (Carne Mecanicamente Separada) e toucinho, não havendo restrição no seu comércio direto, podendo ser feita por qualquer rede de supermercados, trading ou importador direto. A Coreia do Sul e Vietnã reduziram suas tarifas de importação, e há uma demanda crescente de novos mercados, como a Tailândia.

Quando se analisa o destino das exportações brasileiras de carne suína *in natura* no acumulado de janeiro a agosto de 2023, comparado com o mesmo período do ano passado, chama a atenção, o crescimento dos embarques para China e Hong Kong em volume e valores, a consolidação das Filipinas como segundo destino além do crescimento dos volumes para Chile, Uruguai e Japão. Com 36% do total, a participação percentual da China nos volumes embarcados se manteve praticamente no patamar que o ano passado, indicando que o processo de “pulverização” das exportações iniciado em 2022 estabilizou, mas a dependência em relação a China está bem abaixo de 2021, quando representava mais de 52% do total exportado entre janeiro e agosto (**Tabela 2**).

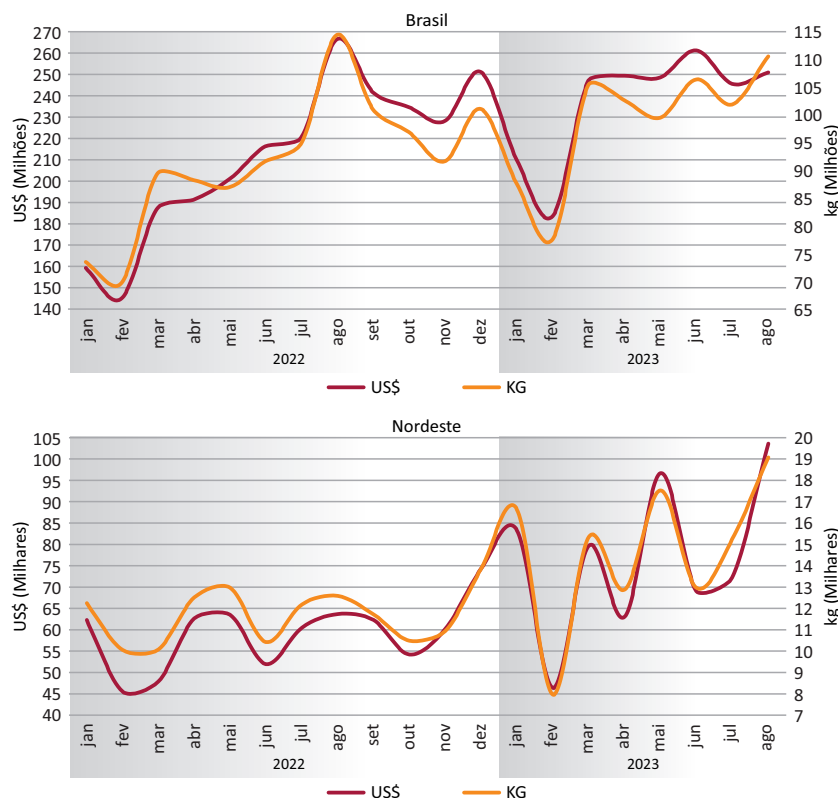
Tabela 2 – Desempenho das exportações brasileiras de carne suína, no acumulado janeiro a agosto de 2022 a 2023

| Países | 2022 | | 2023 | | % | |
|---------------------|----------------------|--------------------|----------------------|--------------------|--------------|--------------|
| | US\$ | KG | US\$ | KG | US\$ | KG |
| China | 619.447.490 | 270.630.420 | 709.628.409 | 282.920.405 | 14,56 | 4,54 |
| Filipinas | 139.839.284 | 61.586.826 | 185.018.131 | 74.722.534 | 32,31 | 21,33 |
| Hong Kong | 133.437.715 | 66.252.629 | 176.189.228 | 77.991.459 | 32,04 | 17,72 |
| Chile | 70.033.966 | 32.615.813 | 132.053.877 | 56.639.507 | 88,56 | 73,66 |
| Singapura | 97.230.631 | 40.926.651 | 116.311.059 | 44.546.165 | 19,62 | 8,84 |
| Japão | 67.518.445 | 17.397.499 | 83.142.935 | 24.480.215 | 23,14 | 40,71 |
| Uruguai | 62.143.579 | 29.597.989 | 77.183.452 | 32.459.253 | 24,20 | 9,67 |
| Vietnã | 60.752.523 | 27.344.767 | 76.655.182 | 31.230.684 | 26,18 | 14,21 |
| Geórgia | 25.046.422 | 12.714.045 | 43.231.148 | 19.442.562 | 72,60 | 52,92 |
| Argentina | 64.253.901 | 27.930.851 | 31.577.200 | 11.647.425 | -50,86 | -58,30 |
| Selecionados | 1.339.703.956 | 586.997.490 | 1.630.990.621 | 656.080.209 | 21,74 | 11,77 |
| Outros | 246.567.546 | 121.570.722 | 265.178.399 | 135.461.728 | 7,55 | 11,43 |
| Total | 1.586.271.502 | 708.568.212 | 1.896.169.020 | 791.541.937 | 19,54 | 11,71 |

Fonte: MDIC/ ComexStat (2023). Adaptado pelos autores.

Em 2023, no acumulado de janeiro a agosto, foram embarcadas no Nordeste, cerca de 117,61 toneladas e faturamento de US\$ 613,87 mil, para 41 países, acréscimo de +26,43% (Kg) e +34,05% (US\$) em relação ao mesmo período de 2022, em que o Nordeste exportou 93,02 toneladas no valor de US\$ 457,95 mil (**Figura 1**). Apesar da expectativa de crescimento dos volumes exportados para 2023, o cenário global é incerto, com duas guerras em andamento.

Figura 1 – Desempenho mensal das exportações de carne suína pelo Brasil e pelo Nordeste brasileiro



Fonte: MDIC/ComexStat (2023). Adaptado pelos autores.

Em relação ao destino, há colônias que se emanciparam, mas continuam dependentes de importação de proteína devido às limitadas condições de seus territórios, como as Ilhas Marshall e Singapura, insulares, mas com economias bastante distintas. Enquanto as Ilhas Marshall têm poucas opções econômicas, Singapura é um dos países do grupo dos Tigres Asiáticos, juntamente com Hong Kong e Taiwan (Regiões Administrativas da China), com grande perspectiva de mercado. O Panamá, um dos principais destinos das exportações de carne suína do Nordeste, tem como principal economia o setor de serviços associado ao Complexo do Canal do Panamá (Tabela 3).

Tabela 3 – Desempenho das exportações nordestinas de carne suína, no acumulado janeiro a agosto de 2022 a 2023

| Países | 2022 | | 2023 | | % | |
|---------------------|----------------|---------------|----------------|----------------|--------------|--------------|
| | US\$ | Kg | US\$ | Kg | US\$ | Kg |
| Ilhas Marshall | 108.326 | 22.836 | 130.598 | 25.446 | 20,56 | 11,43 |
| Libéria | 67.036 | 13.639 | 113.209 | 21.685 | 68,88 | 58,99 |
| Panamá | 65.385 | 13.997 | 111.988 | 22.018 | 71,27 | 57,31 |
| Hong Kong | 17.210 | 3.451 | 48.981 | 8.193 | 184,61 | 137,41 |
| Singapura | 34.549 | 6.700 | 37.201 | 6.854 | 7,68 | 2,30 |
| Malta | 16.250 | 2.808 | 25.202 | 4.416 | 55,09 | 57,26 |
| Noruega | 8.197 | 1.541 | 22.144 | 4.430 | 170,15 | 187,48 |
| Bahamas | 16.996 | 3.334 | 15.052 | 3.102 | -11,44 | -6,96 |
| Chipre | 18.640 | 3.687 | 13.609 | 2.289 | -26,99 | -37,92 |
| Grécia | 39.208 | 8.173 | 12.886 | 3.146 | -67,13 | -61,51 |
| Selecionados | 391.797 | 80.166 | 530.870 | 101.579 | 35,50 | 26,71 |
| Outros | 66.152 | 12.851 | 83.005 | 16.030 | 25,48 | 24,74 |
| Total | 457.949 | 93.017 | 613.875 | 117.609 | 34,05 | 26,44 |

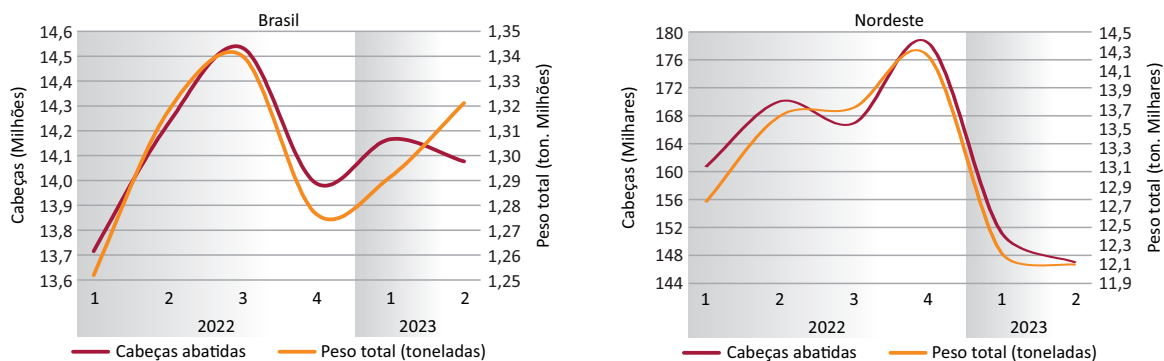
Fonte: MDIC/Comexstat (2023). Adaptado pelos autores.

2.2 Abate

A suinocultura segue com crescimento de preços e de volume de vendas no mercado doméstico e contando ainda com forte demanda externa, que deverá crescer com a perspectiva de compras adicionais da China. Segundo o IBGE (2023a)⁵, o abate de suínos no Brasil atingiu 14,08 milhões de cabeças no 2T2023. Depois de um longo ciclo de crescimento da produção (intensificado entre 2019 e 2022), observa-se que no 2T2023 (-1,04%) houve redução da produção em cabeças em relação ao 2T2022 e ligeira queda em relação ao 1T2023 (-0,63%). Porém, destaca-se o elevado peso médio das carcaças suínas neste segundo trimestre (93,85 kg), o mais alto da série histórica do IBGE. A produção no 2T2023 foi em torno de 1,32 milhão de toneladas, alta de +2,31% em relação ao 1T2023 (1,29 milhão de toneladas). No 2T2023, o abate de suínos teve alta em 9 dos 26 Estados em relação ao 1T2023. Para o 1S2023, houve crescimento em relação ao 1S2022, tanto em cabeças abatidas (+1,08%) e quanto em produção (+1,67%). Por outro lado, em comparação com o 2S2022, houve discreto recuo no número de cabeças (-0,99%) e na produção de carne (-0,17%).

No caso do Nordeste, houve queda de -2,82% no abate de suínos no 1T2023 em relação ao 2T2023 (151,22 para 146,96 mil cabeças), com recuo na produção de carne de -0,99% (6,33 mil para 6,00 mil toneladas). Ainda assim, o peso ao abate dos animais do Nordeste (5,48 @), obteve menor peso médio que a média nacional (6,25@). Por outro lado, a preferência do consumidor pela carne suína tem crescido na Região, principalmente pela carne resfriada, enquanto os cortes congelados são a opção secundária, comumente de origem do Centro-Sul do País (Figura 2).

Figura 2 – Desempenho trimestral do abate e da produção de carne no Brasil e no Nordeste



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2023).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

No mercado doméstico, os indicadores de inflação dentro da meta indicam que o Copom deve manter o corte da Selic em 0,50 pp nas próximas reuniões, motivando o setor produtivo pelo crédito mais barato, além de deflação dos alimentos, podem determinar oscilações na demanda por carne suína e, conseqüentemente, aquecer a demanda aos produtores. Dados divulgados pelo IBGE (2023a)⁵ demonstraram que, no 3T2022, o abate de suínos foi recorde no Brasil (14,47 milhões de cabeças). Os criadores aumentaram os abates para cortar gastos e ajustar a produção aos custos, de forma estratégica. Porém, a demanda está enfraquecida e com a oferta elevada, os preços do suíno vivo e da carne suína foram pressionados, aumentando a competitividade frente às principais substitutas, as carnes de frango e bovina. Já no 4T2022 o abate recuou com a restrição de oferta no mercado interno. Uma vez que a demanda permaneceu enfraquecida, atores da cadeia, reduziram preços, com o intuito de elevar a liquidez, pois muitos pretendiam escoar parte dos estoques. Por outro lado, este cenário levou ao abandono da atividade e/ou redução de plantéis por parte de alguns suinocultores que atuam no mercado independente. Para estes casos, a alternativa seria o cooperativismo. Essa forma de organização traria inúmeros benefícios como o compartilhamento de conhecimento, tecnologia, recursos e estratégias para alcançar melhores resultados, além de facilitar a adoção de práticas sustentáveis e a produção de alimentos de qualidade.

⁵ IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais - 2º trimestre. 2023a. <https://sidra.ibge.gov.br/home/abate/brasil>. Acesso em: 10 SETEMBRO. 2023.

Complementa-se que no Nordeste a evolução da suinocultura industrial, a desmistificação de informações equivocadas sobre a carne suína e a preferência no paladar dos cortes suínos para diferentes pratos, sejam para o dia a dia, nas boutiques de carne ou mesmo nos bares e restaurantes, evidentemente, além do menor preço, são fatores que impulsionam a produção local. Em alguns estados da Região, como Maranhão, Piauí e Bahia, a produção mais que triplicou apenas nos três últimos anos, estando fortemente atrelada a facilidade de acesso a forte produção de grãos (MA, PI e BA). A própria demanda aquecida, foi responsável pelo aumento significativo da produção, em estado onde a geografia da produção de grãos não é relativamente favorável, como o Ceará, segundo maior produtor. Os estados mais produtivos seriam Bahia, seguidos de Ceará e Pernambuco, tanto em número de suínos abatidos como no peso das carcaças. Neste aspecto, no 2T2023 a Bahia abateu 62,3 mil cabeças, com peso de 6,00 mil t. No geral, os suinocultores nordestinos têm mostrado não apenas resiliência diante das adversidades, mas aumentaram a capacidade produtiva para atender os mercados, também complexos, tanto o global como o doméstico (Tabela 4). Importante ressaltar, que o porto de Itaqui, no Maranhão, tem potencial para operar no embarque de carnes, e tem se destacado na logística de escoamento das commodities agrícolas não apenas do Nordeste, mas de outras regiões do País (XIMENES, 2021)⁶.

Tabela 4 – Desempenho trimestral do abate de suínos no Nordeste, animais abatidos (cabeças) e peso total das carcaças (kg) de 2022 a 2023

| Variável/UF | 2022 | | | | 2023 | | Var (%) | |
|------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|---------------|---------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 2T2023_1T2023 | 2T2023_2T2022 |
| Suínos abatidos | 160.658 | 170.033 | 166.902 | 178.498 | 151.225 | 146.967 | -2,82 | -13,57 |
| BA | 71.937 | 78.926 | 75.878 | 82.060 | 70.883 | 62.260 | -12,17 | -21,12 |
| CE | 47.901 | 46.293 | 46.626 | 42.606 | 36.644 | 42.316 | 15,48 | -8,59 |
| PE | 17.713 | 17.394 | 18.713 | 20.744 | 16.831 | 16.560 | -1,61 | -4,79 |
| MA | 11.534 | 10.257 | 8.364 | 12.718 | 11.496 | 9.785 | -14,88 | -4,60 |
| PI | 7.439 | 7.568 | 7.182 | 10.860 | 7.699 | 9.183 | 19,28 | 21,34 |
| AL | 0 | 4.716 | 5212 | 5686 | 4.938 | 4466 | -9,56 | -5,30 |
| RN | 4.134 | 4.879 | 4.927 | 3.824 | 2.734 | 2.397 | -12,33 | -50,87 |
| Peso total | 12.738.147 | 13.628.760 | 13.715.533 | 14.256.174 | 12.213.065 | 12.092.238 | -0,99 | -11,27 |
| BA | 6.257.980 | 6.946.883 | 7.034.396 | 7.264.786 | 6.339.748 | 6.001.230 | -5,34 | -13,61 |
| CE | 3.826.189 | 3.691.806 | 3.721.490 | 3.377.887 | 2.914.515 | 3.334.169 | 14,40 | -9,69 |
| PE | 1.082.731 | 1.057.103 | 1.162.939 | 1.262.842 | 1.026.468 | 998.338 | -2,74 | -5,56 |
| MA | 979.570 | 874.037 | 739.865 | 1.180.693 | 1.042.813 | 876.057 | -15,99 | 0,23 |
| AL | 0 | 368.281 | 416.887 | 462.945 | 393.455 | 361.163 | -8,21 | -1,93 |
| PI | 292.704 | 354.421 | 289.637 | 437.633 | 310.234 | 359.771 | 15,97 | 1,51 |
| RN | 298.973 | 336.229 | 350.319 | 269.388 | 185.832 | 161.510 | -13,09 | -51,96 |

Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2023).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Até dezembro de 2005 os dados com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter X. A partir de janeiro de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

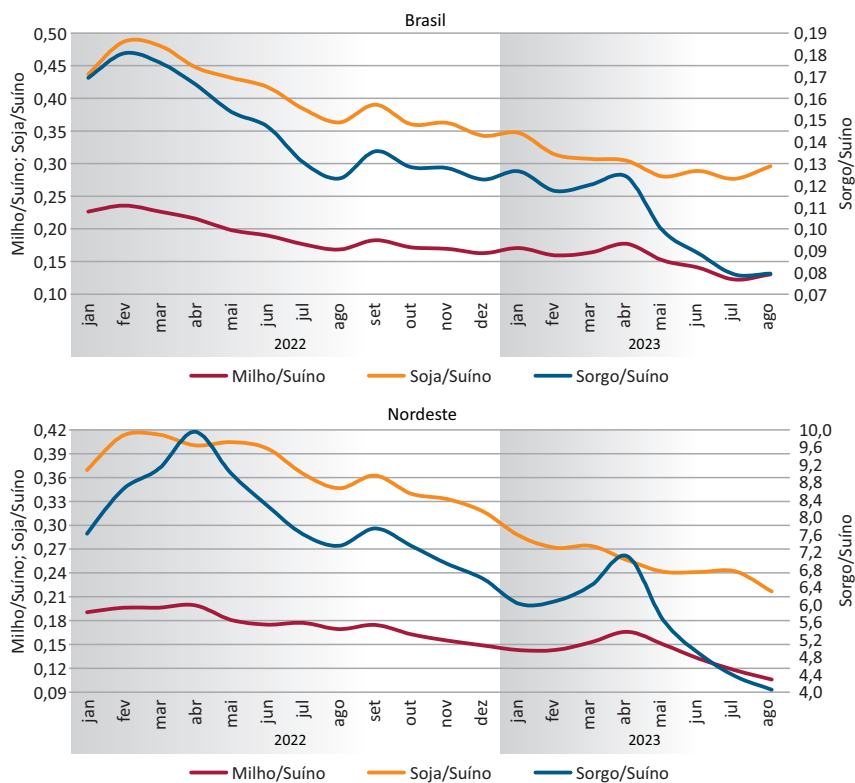
A carne suína vem ganhando competitividade em relação à carne bovina desde 2020 de maneira que os mercados de carne suína e animais vivos se fortaleceram no início de 2023. Entretanto, um dos fatores que impede maiores altas na cotação da carcaça suína é essa correlação de preços com as demais carnes. Cabe lembrar que quanto mais alta a relação percentual boi-suíno e quanto mais baixa a relação suíno-frango, mais competitiva é a carne suína em relação as outras. No comparativo entre o balanço das carnes bovina, de frango e suína no 1S2023, em comparação com o mesmo período do ano passado, enquanto a carne suína reduziu a disponibilidade interna, a carne bovina e a carne de frango aumentaram. Apesar da manutenção da oferta de carne suína no mercado doméstico, ainda assim os preços pagos ao produtor e as cotações de carcaças têm oscilado em patamar abaixo daquele atingido do final de 2022 até março de 2023. Neste ano, o preço da carcaça bovina vem caindo expressivamente, fruto desse aumento de oferta, inclusive, na entressafra do boi de pasto, em função da fase do ciclo

⁶ XIMENES, L. F. Carne Suína. Caderno Setorial ETENE. Fortaleza: Banco do Nordeste, ano 6, n. 171, 2021. 12p. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/828/1/2021_CDS_171.pdf Acesso em 7 abril de 2022.

pecuário em que o abate deste ano deve superar significativamente o do ano passado, sem o aumento da exportação na mesma proporção. O frango também teve alta de oferta no 1S2023, o que determinou cotações muito abaixo do ano passado. Espera-se que o fortalecimento das exportações continue valorizando a proteína suína, impulsionando a demanda interna.

Os preços médios das carnes suína, bovina e de frango subiram de janeiro para fevereiro deste ano. Entretanto, a valorização registrada para a carne suína foi mais acentuada que a observada para as carnes concorrentes. Diante desse contexto, perdeu competitividade frente às demais em fevereiro. Já no mês de março, os preços da carne suína registraram quedas no atacado, enquanto os valores do frango avançaram, e a carne bovina apresentaram leve baixa, melhorando a competitividade da suína frente àquelas. De março a agosto, houve queda nos preços médios tanto da carne suína, quanto bovina e de frango (Conab, setembro 2023a)⁷. De acordo com dados do CEPEA (setembro, 2023)⁸, especificamente em agosto, os preços do suíno vivo e da carne suína subiram na primeira quinzena, mas voltaram a recuar na segunda metade do mês em praticamente todas as Regiões, devido à redução da demanda pela carne e à perda de competitividade em relação à carne bovina, cuja disponibilidade no mercado está elevada. Com as quedas nas cotações do suíno vivo, o poder de compra dos suinocultores frente aos principais insumos consumidos na atividade reduziu significativamente (**Figura 3**). Para os próximos meses, de acordo com dados do IPEA (agosto, 2023)¹, a expectativa é de recuperação dos preços domésticos da carne suína e alta dos preços internacionais. O bom ritmo de embarques ao exterior pode elevar os preços da carcaça suína. Contudo, a potencial perda de competitividade diante de outras carnes pode restringir um possível avanço nos preços da proteína suína.

Figura 3 – Liquidez relativa entre as carnes suína, bovina e de frango no Brasil e no Nordeste. Série mensal de janeiro de 2022 a agosto de 2023 (preços nominais pagos ao produtor, R\$/Kg)



Fonte: Adaptado de Conab (2023).

Por outro lado, as altas taxas de inflação anteriores pressionaram os custos de produção e redução do poder de compra da população, contribuíram para margens negativas nos sistemas de produção. Contudo, a suinocultura adentra num período mais favorável de resultados, em função da queda dos

⁷ Conab - Companhia Nacional de Abastecimento. Preços médios mensais. Disponível em: <http://sisdep.conab.gov.br/precosiagroweb/>. Acesso em: 12 setembro, 2023.

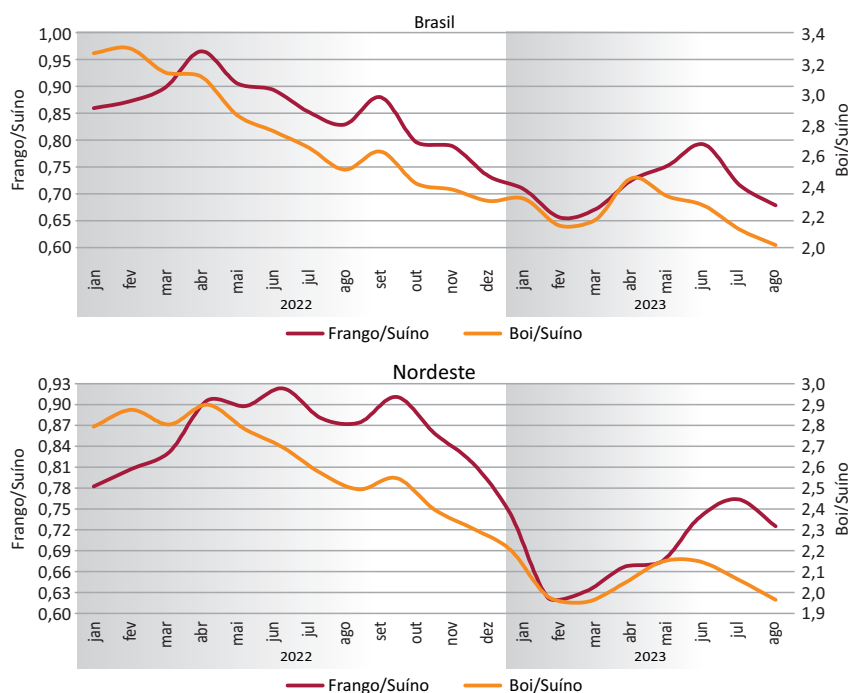
⁸ CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>. Acesso em: setembro de 2023

custos dos grãos desde o 1T2023. O fato é que, a permanência desse cenário dependerá do resultado favorável das safras americana e sul-americana, além dos efeitos do El Niño. Aos poucos, as expectativas referentes a safra norte-americana 2023/24 contribuem para baixa cotação do preço.

No 12º levantamento de safra da Conab (setembro, 2023b)⁹, há previsão de colheita recorde de milho com estimativa de 131,8 milhões de toneladas, aumento de +16,6% em relação ao ano anterior. Para a safra de soja, o Brasil deverá colher 154,61 mil toneladas, 23,2% superior a safra 21/22, com produtividade média de 3.508 kg/ha, registrando recordes históricos de área de plantio, produtividade e produção, com destaque para o MATOPIBA e Mato Grosso, que compensaram com sobras, as perdas registradas no Sul. Como o País convive com sérios problemas de déficit de armazenagem para estocagem desta supersafra, a oferta continua grande e as cotações do milho continuam relativamente baixas, determinando junto com o preço do farelo de soja, um menor custo de produção de suínos neste 2T2023, bem mais baixo que no 1T2023, trazendo um cenário mais favorável ao produtor.

Segundo a avaliação da Conab (setembro, 2023)⁷, entre janeiro e agosto de 2023 a nível nacional, o preço da soja teve queda de -22,75% (de 163,14 para 126,01 R\$/saca) e do milho recuo de -30,89% (de 80,21 para 55,43 R\$/saca), nesta ordem, enquanto o preço da carne suína aumentou apenas -9,43% (7,84 para 7,10 R\$/kg de suíno vivo). A região Nordeste seguiu a mesma tendência de oscilação nos preços, o preço da soja teve queda de -22,41% (de 164,32 para 127,49 R\$/saca) e do milho, aumento de -23,87% (de 81,87 para 62,32 R\$/), respectivamente, e o preço da carne suína recuou +2,61% (9,56 para 9,81 R\$/kg de suíno vivo) (Figura 4).

Figura 4 – Desempenho do Brasil e do Nordeste na relação entre preços da carne suína, em comparação aos preços do milho e da soja. Série mensal de janeiro de 2022 a agosto de 2023 (preços nominais pagos ao produtor em R\$/Kg)



Fonte: Adaptado de Conab (2023).

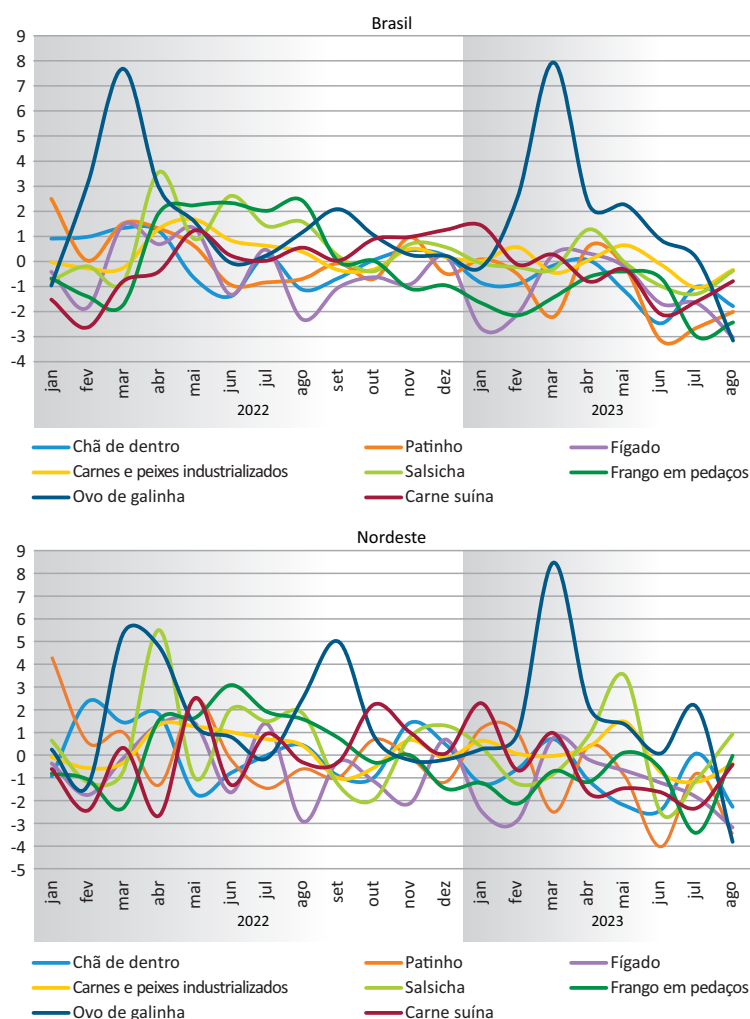
Quando comparado com o ano anterior, observou-se forte demanda por produtos cárneos, com notável aumento no consumo. Em 2012, foi de 14,9 kg/per capita e atingiu o marco significativo de 18,0 kg/per capita em 2022, destacando a mudança na relação do consumidor com a carne suína, tanto nos hábitos alimentares quanto nas condições econômicas dos consumidores (ABPA, 2023)¹⁰. Segundo

9 Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.11 – Safra 2023/24, n.1 - Primeiro levantamento, p. 1-117, outubro 2023. ISSN 2318-6852.

10 ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. Relatório Anual: 2023. São Paulo: ABPA. 75p. Disponível em: <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2023/04/Relatorio-Anual-2023.pdf> Acesso em 19 out. 2023.

dados da PNADContínua (IBGE, 2023b)¹¹, no Brasil, a taxa de desocupação e a remuneração melhoraram: 9,3% (2T2022), 8,8% (1T2023) e 8,0% (2T2023); e a remuneração média R\$ 2.628, R\$ 2.760 e R\$ 2.736, respectivamente. O poder de compra da população ainda permanece pressionado, o que favorece a busca do consumidor por fontes proteicas mais baratas. Assim, de janeiro a abril deste ano, a população de menor renda priorizou proteínas mais baratas, como ovo de galinha, salsicha e fígado, tanto que as carnes de suínos e de frango mantiveram comportamento estável, como opções à carne bovina (chã de dentro; patinho). No Nordeste, o comportamento foi mais evidente. Em julho e agosto, devido a maior oferta e a conseqüente redução de preços ao consumidor, percebe-se ligeiro aumento no consumo de carne de frango e carne suína (IBGE, 2023c)¹². Entretanto, o consumo de carne bovina (chã de dentro; patinho) ainda segue limitado (Figura 5).

Figura 5 – Variação média mensal (%) nos preços de proteínas alternativas e cortes de carnes no Brasil e no Nordeste



Fonte: SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (IBGE, 2023). Elaborado pelos autores.

Notas: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento (50% da população), de 1 a 5 salários-mínimos, mais sensíveis à inflação. Amostra: Recife, Fortaleza e Salvador.

11 IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2023b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=quadro-sintetico/>. Acesso em: setembro. 2023

12 IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor. 2023c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7063>. Acesso em: setembro. 2023

3 Sumário Executivo Setorial

| | |
|---|--|
| <p>Ambiente político-regulatório</p> | <ul style="list-style-type: none"> • O setor é regulamentado e está vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do MAPA, os quais são responsáveis pela inspeção dos produtos de origem animal para consumo humano e pela fiscalização de produtos para alimentação animal; controlados através dos selos de inspeção tanto nas esferas federal, estadual, quanto municipal. Em 2019, foi criado pelo MAPA, um Observatório da Agropecuária Brasileira, no intuito de acompanhar e gerir de forma integrada os dados produzidos por diferentes unidades da Agricultura, cadeias produtivas e setores da agropecuária. Estados nordestinos do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte tiveram o reconhecimento de equivalência dos seus serviços de inspeção de produtos de origem animal junto ao SISBI-POA (Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal). Dessa forma, os produtos de origem animal poderão ser comercializados em todo o país. As agroindústrias passarão a adquirir mais matéria-prima, beneficiando direta e indiretamente os produtores e empreendedores locais; • O ambiente político está imbuído em desburocratizar e simplificar processos e procedimentos de habilitação de estabelecimentos voltados para a exportação, além de trabalhar a sustentabilidade na produção, com foco em produtividade/área e segurança alimentar; o país está fortemente engajado na busca de cooperação horizontal entre países, blocos e organizações de referência para abertura de mercados e aumento nas exportações; • Em relação as exportações, de acordo com o COPOM, para a regulação do câmbio, a expectativa é de que a taxa de câmbio se mantenha na faixa de R\$/US\$ 5,06. |
| <p>Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas</p> | <ul style="list-style-type: none"> • A intensidade dos eventos climáticos atuais tem causado impactos que se refletem em diferentes setores, incluindo a agropecuária. No Brasil, depois de quase três anos sob as condições de La Niña, o panorama climático mudou com a chegada do El Niño, desde junho. Em setembro, a intensidade do El Niño mudou para a categoria de forte, indicando a persistência de aquecimento das águas na região, o que serve como combustível para chuvas de verão em forma de pancadas. O Nordeste poderá passar por secas severas e aumento dos focos de incêndio com implicações em diversos setores socioeconômicos, agricultura, gestão hídrica, saúde pública e gestão de desastres, afetando a vida e o sustento das pessoas. O modelo de previsão indica a persistência das condições de El Niño (fase quente) durante a primavera, e com probabilidades +90% até o verão de 2024. Em áreas do Matopiba, a redução dos níveis de água no solo pode resultar em perdas de produtividade, dificultar o manejo agrícola. Para mitigar as adversidades, estratégias como o ajuste genético de variedades tolerantes à seca e de alta performance, o escalonamento da data de semeadura, o preparo e correção do solo em profundidade, o uso de bioestimulantes e, quando possível, de irrigação, são fundamentais. Além disso, a adoção de fertilizantes antiestresse, a manutenção de uma cobertura adequada do solo e matéria orgânica e um controle fitossanitário integrado e rigoroso são essenciais para enfrentar os desafios impostos pelo clima. • Apesar das adversidades climáticas previstas para 2023, as perspectivas para essa safra ainda são boas para o Brasil. Do lado da produção, considerando a revisão da Conab para as estimativas do milho e da soja, 2022-2023 ainda será superior à safra anterior, com novo recorde de produção previsto para a soja (+23,2%), carro-chefe do agronegócio brasileiro e aumento de +16,6% para o milho. O que pode favorecer a redução nos custos de produção da suinocultura; • O mercado demanda que a cadeia de produtos seja mais sustentável, gerando adequação em todos os atores da cadeia, produtores, indústria e varejo. As estiagens que se observam em todo o País têm elevado o custo de energia. Demandam, portanto, investimentos, com recursos subsidiados, na geração de energia elétrica (fotovoltaica) como insumo para o setor produtivo. Entretanto, ainda é bastante elevado o custo de instalação da energia fotovoltaica. Por outro lado, em muitas granjas, a utilização de fontes renováveis de energia, principalmente solar e energia de biomassa, como biodigestores, já é uma realidade de demanda, como investimento a médio e longo prazo com impacto na redução de custos, tendo forte aplicação na manutenção de instalações, nas plataformas operacionais e de abate ou mesmo frotas de veículos de transporte. |
| <p>Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)</p> | <ul style="list-style-type: none"> • A atividade é tradicional no mercado nacional e está amparada por boa liquidez. Em 2023, no acumulado de janeiro a agosto, o VBP da Pecuária representou 29,6% do VBP Total (Pecuária + Lavoura), dentre este percentual a Suinocultura ocupou a quarta posição no ranking das atividades pecuárias do país, antecedida pelo setor de lácteos, um equivalente de 2,9% do VBP – Valor Bruto da Produção em Pecuária/ Suínos (MAPA); • Todavia, na maioria dos municípios da região semiárida e áreas de atuação do banco, há pequena organização da cadeia de produtores, marcada por poucos produtores de médio porte e maioria de pequeno e mini produtores, mas que ainda trabalham de forma individualizada, sem sistemas integrados e com pouca representação por meio de cooperações. Praticamente toda produção de carne suína no Nordeste é absorvida no mercado interno varejista, com pequena expressão no volume nacional e de exportações; • Muitas instituições públicas de pesquisa amparam o setor (Unidades da Embrapa, Universidades Federais, Estaduais, Escolas Técnicas etc.), de assistência técnica (Unidades estaduais da Emater e outras) e de formação e de qualificação profissional; • No Nordeste há avanços em infraestrutura logística que favorecem as exportações, como: o Eixo Norte em operação, reduzindo custos os Porto de Itaqui, Maranhão; Suape em Pernambuco; regiões produtoras de grãos no Nordeste - MATOPIBA (Bahia, Maranhão e Piauí) e SEALBA (Sergipe, Alagoas e Norte da Bahia), fundamentais no abastecimento de grãos para a região a preços competitivos, com papel muito importante na redução dos custos de produção da atividade; o amplo mercado doméstico (institucional e formal), com elevada demanda insatisfeita; a demanda externa aquecida; câmbio favorável às exportações. |

| | |
|--|--|
| <p>Resultados das empresas que atuam no setor</p> | <ul style="list-style-type: none">• De acordo com dados da EMIS (2023), grande parte das maiores empresas do setor de criação e abate de suínos no Brasil teve desempenho positivo em relação a 2021, tendo apresentado crescimento do EBITDA, do lucro e redução no endividamento. A maioria das empresas estão centralizadas, no Sul, Centro Oeste e Sudeste (MG; SP). Entretanto, a atividade vem avançando também pelo Nordeste, mas ainda precisa de investimentos de infraestrutura. Destaque para empresas de criação de suínos como Xerez avícola (CE), Paudalho Agropecuária (PE), alguns frigoríficos como Frigotil Timon (MA), o de Barreiras e Alagoinha (BA), que já tem a suinocultura como atividade secundária, sendo todas na região de atuação do BNB, com forte participação no mercado regional. |
| <p>Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)</p> | <ul style="list-style-type: none">• Segundo IPEA há projeção de crescimento do PIB Agropecuário com variação de 13,8% para 2023, sendo que 1,6% atribuídos só a pecuária. O Brasil é o 4º produtor mundial de suínos e tem boas perspectivas de aumento nas exportações para este ano;• No mercado interno, a possibilidade de redução nos custos de produção pela maior oferta de milho e soja e a estratégia de reduzir o abate de animais como forma de ajustar a oferta/demanda tem favorecido a valorização do produto na busca de maior rentabilidade para atividade no mercado interno. Com isso, os preços da carne suína ao consumidor seguem avançando em todas as regiões, justificada pelo aquecimento da demanda;• A carne suína é uma opção competitiva para o mercado de carnes. Ainda assim, o Nordeste não tem tradição na produção, nem elevado consumo de carne suína. Mas a atividade está ganhando espaço a cada dia. Fato é que a demanda de consumo vem aumentando gradativamente, graças a competitividade do mercado de carnes. Com isso espera-se que a médio e longo prazo, as perspectivas possam ser cada vez mais promissoras, alavancadas pelos avanços da produção de grãos do MATOPIBA, na facilidade de escoamento pelos portos de Itaqui (MA) para exportações de cárneos, além da demanda de consumo em crescimento. As exportações estão crescendo ano a ano. |

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>